



## AS ORAÇÕES RELATIVAS EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR DA UFPEL: PRESENÇA OU AUSÊNCIA?

(a questão da variabilidade)

**SANTOS, Luciene Silva<sup>1</sup>; EICK, Paula Fernanda**<sup>2</sup>.

<sup>1,2</sup> Pós-Graduada em Letras – Linguística Aplicada da Universidade Federal de Pelotas – [lscoelho@gmail.com](mailto:lscoelho@gmail.com) / Orientadora Profa. Dra. Paula Fernanda Eick Cardoso – Deptº de Letras Vernáculas – ILA/UFPEl – [paulaeick@terra.com.br](mailto:paulaeick@terra.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Observar as construções da língua escrita feitas em uma situação monitorada formal é a ideia principal deste trabalho, uma vez que a língua escrita é mais conservadora do que a língua falada (FARACO, 2005). Entretanto, o contraste entre as duas pode nos levar a perceber os fenômenos lingüísticos orais que formalmente não entraram para a escrita. A dificuldade sentida por alguns (ou a maioria) dos falantes comuns ao escrever estruturas faladas (ainda) inaceitáveis é a proposta deste trabalho, o qual está vinculado à linha de Pesquisa “Descrição e Análise de Fenômenos Linguísticos” e integra as atividades do projeto de pesquisa “Banco de textos constituído com as redações de Vestibular da UFPEL”.

Pretende-se aqui constatar o uso efetivo das orações relativas com verbo que rege preposição, observando as estratégias (BAGNO, 2004) mais utilizadas pelos candidatos a ingresso na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), uma vez que se trata de uma situação de extrema monitoração lingüística, na qual se espera que o candidato domine a norma culta do português falado no Brasil (GUEDES, 2003). Todavia, é esperado que as regras da gramática natural migrem ou se sobreponham às regras da gramática tradicional.

### 2. MATERIAL E MÉTODOS

Ao investigar as línguas naturais, pode-se observar mudanças e movimentações lingüísticas que ocorrem na linguagem falada e migram para a linguagem escrita (MOLLICA, 1977). Esse movimento migratório das regras da gramática internalizada pelos falantes para a linguagem escrita resulta em um grande contraste entre essas e aquelas prescritas pela Gramática Tradicional (GT).

Neste trabalho estudar-se-ão os pronomes relativos e as orações relativas em que aparecem verbos que rege preposição, de acordo com a Gramática Tradicional. Posteriormente, selecionar-se-ão dados de um *corpus* para que possa haver a

observância dos fatos lingüísticos construídos pelos falantes em situações concretas de uso da linguagem escrita.

Inicialmente estão sendo analisadas redações nas quais apareçam orações relativas em que o verbo regente exige preposição. A análise dar-se-á em relação às estratégias de relativização (TARALLO, 1983; BAGNO, 2004) utilizadas pelos vestibulandos e, posteriormente, serão analisadas as regras sintáticas descritas pela gramática tradicional em relação a estas orações. Tendo em vista estas observações, objetiva-se constatar quais as estratégias mais utilizadas neste *corpus* escolhido.

Bagno (2004) levanta hipóteses sobre as regras empregadas pelos brasileiros na construção das Orações Relativas e procura verificar se tais regras são devidamente descritas pela GT, de acordo com os gramáticos Bechara (1999), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (1989). O *corpus* desta pesquisa são as construções nas quais os verbos devem (ou deveriam) estar acompanhado, segundo a GT, de preposição + pronome relativo e, inclusive, do pronome “cujo”.

De acordo com os estudos do autor, têm-se observado três estratégias distintas nas construções das Orações Relativas em que aparecem verbo que rege preposição, uma vez que a presença de cada uma dessas três estratégias de relativização corresponde a um período diferente na história da língua portuguesa. A **relativa padrão**, em acordo com a GT, é aquela construção em que há a relação sintagmática preposição + pronome relativo, corresponde ao período de formação da norma padrão clássica do português, estando mais próxima da língua mãe, o Latim. A **relativa copiadora**, em que o usuário utiliza um pronome cópia dentro do período, classifica-se como a mais antiga das três, pois o Latim vulgar já apresentava o pronome-cópia nas orações relativas. Já a **relativa cortadora**, em que o usuário apaga a preposição, embora exigida pelo verbo, é considerada o fenômeno mais recente da língua portuguesa. Ela expressa dois juízos feitos pelos falantes: (1) não parecer “pernóstico” ou “pedante” demais ao utilizar a relativa padrão, e (2) não parecer “ignorante” ou “pouco instruído” ao usar a relativa copiadora (que, devido a sua antiguidade, sofre os ataques da gramática normativa).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Algumas (ou várias) reflexões surgirão durante e posteriormente a este trabalho, e talvez seja exatamente esta a pretensão: sentirmo-nos incomodados ao ponto de refletir a respeito do processo de ensino/aprendizagem, assim como sobre a evolução e a mudança lingüística que podem ser percebidas neste universo de redações que estão sendo analisadas.

Em nossos estudos, encontramos os seguintes exemplos de construções:

*redução, ao menos, no reconhecimento do problema. Após este processo, um acompanhamento psicológico com um profissional especializado, cujo do qual decidirá quais os procedimentos a serem tomados.*

Muitos alunos começam fazendo suas brincadeiras para implicar com os outros colegas que eles não gostam muito. Esses outros amigos que acabam sendo do passado, violência em vários lugares não são nos usados.

Até mesmo as crianças são alvo (das) dessa prática cuja acontece principalmente na escola, chamada de "bullying", onde elas formam a personalidade levada por toda vida

ção. Quem nunca teve um apelido de que não gostava na escola <sup>ou seja</sup> sente-se ofendido por "brincadeiras de mau gosto". Julga das "inofensivas", as brincadeiras não são nada construtivas. Pelo

Atualmente encontramos construções no Português Brasileiro (PB) nas quais o "que" assume unicamente a função de conjunção. A título de exemplo, transcrevemos a construção abaixo:

Quando crianças fazemos brincadeiras com nossos amigos, colegas, irmãos, que sem percebermos ferimos eles por mais (brincadeira) que seja brincadeira.

O exemplo acima contraria os preceitos da GT, segundo a qual os pronomes relativos, além de unir orações, têm a capacidade de retomar elementos mencionados anteriormente e de desempenhar funções sintáticas distintas dentro da oração.

Entretanto, a discussão surgida é: o uso sobrecarregou a GT ou a GT não está dando conta do uso efetivo por parte dos falantes? Ou seja, talvez tenha-se naturalizado regras que não condizem com a realidade gramatical, uma vez que a sociedade reproduz o que é socialmente internalizado.

#### 4. CONCLUSÕES

É importante que pesquisas nesta área sejam feitas, uma vez que as produções textuais em situação monitorada – o vestibular – refletem o ensino e a aprendizagem de regras sintáticas prescritas pela GT. Muito embora as normas da língua falada migrem ou sobressaiam sobre a língua escrita, deve-se atentar ao fato principal de que situações formais exigem o uso formal da língua escrita padrão.

Bagno (2004) afirma que é preciso reconhecer que a língua falada e a língua escrita estão entrelaçadas, íntimas e mais próximas do que a GT possa admitir. Embora essas relações rejeitadas pela GT pareçam ser promíscuas, são inevitáveis em uma língua, devido ao seu caráter dinâmico e à motivação que sofre ao longo do tempo. Ou seja, nossos estudos vêm como um reforço em relação à pressuposição da evolução lingüística, na qual há uma tendência à preservação ou extinção de construções realizadas pelos falantes, resultando em um contraste ou afastamento em relação à GT.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?: um convite à pesquisa**. SP: Ed. Parábola, 2004.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. RJ: Ed. YHL, 1999.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do português contemporâneo**. RJ: Ed. Nova Fronteira, 1985.
- GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação escolar ao texto: um manual de redação**. POA: Editora da UFRGS, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. SP: Ed. Parábola, 2005.
- MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. SP: Ed. Contexto, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. 1977. **Estudo das construções relativas em português**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro dissertação de mestrado.
- TARALLO, Fernando. 1983. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. Philadelphia, University of Pennsylvania, PhD Dissertation, mimeo.
- TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. SP: Ática, 2000.